

**Leitores e produção bibliográfica no Brasil - Um esboço para o estudo de dois casos:  
A Brasileira exilada - A biblioteca de Oliveira Lima e A obra perdida de  
Aluisio Azevedo**

Bernardino da Cunha Freitas Abreu<sup>1</sup>

**Resumo:** Esboço de análise da obra de dois intelectuais brasileiros sobre o Japão, dentro do contexto das peculiaridades da produção bibliográfica no Brasil.

**Palavras – chave:** Intelectuais, Brasil, Japão

**Abstract:** Sketch of analysis of the workmanship of two Brazilian intellectuals on Japan, inside of the context of the peculiarities of the bibliographical production in Brazil.

**Keywords:** Brazil, Intellectuals, Japan

Uma das principais características endêmicas do arranjo social brasileiro consiste na construção, ao longo de seu processo de desenvolvimento histórico, de uma estrutura sócio-política baseada num mecanismo econômico caracterizado como um mercado de *commodities*, onde o Estado Nacional brasileiro conserva, no arranjo político-econômico global a sua posição subordinada de gerente dos mecanismos de fornecimento de matérias – primas para as economias centrais, tal como fora anteriormente, seu antecessor institucional no período colonial.

Tal arranjo econômico, aliado a um mecanismo produtivo acionado por uma força de trabalho (na maior parte deste processo histórico) essencialmente formada por mão-de-obra escrava, cria as condições básicas de ocorrência dos fenômenos que caracterizam a vida cultural da sociedade brasileira; uma sociedade com baixo grau de escolaridade, elevada taxa de analfabetismo (conseqüência do fato de a Educação e o fomento à Cultura não serem prioridades na agenda do Estado, ou mesmo da Sociedade brasileira em geral, uma sociedade que vive num contexto pautado pelo paradigma anacrônico e anti-social de “Aventura e Lucro”) e, portanto, dotada de um mercado produtor/consumidor interno insignificante (em comparação com o mercado exportador) e, conseqüentemente, de uma produção artística – cultural, e um público leitor, consumidor desta produção cultural, (demograficamente) *ainda mais* insignificante.

---

<sup>1</sup> Mestrando / PPGH – UERJ (Departamento de História) / CAPES

Assim posto, este esboço dedica-se a iniciar a análise de dois casos de intelectuais brasileiros, o historiador pernambucano Manuel de Oliveira Lima (1867 – 1928) e o escritor maranhense Aluisio Azevedo (1857 – 1913), diretamente ligados à atividade de produção textual e que tem ambos, para o interesse desta pesquisa, um ponto em comum; ambos foram representantes diplomáticos do Brasil no Japão, e propôs-se a analisar, cada um ao seu modo, da maneira a mais precisa e objetiva possível, o contexto geral da sociedade japonesa, numa afinidade despertada pelas peculiaridades da cultura deste país que acabou gerando nos meios de produção cultural ocidentais, na virada dos séculos XIX – XX, o fenômeno cultural geralmente denominado “japonismo”.

Uma biblioteca particular pode ser considerada, numa análise inicial, *grosso modo*, como um reflexo tanto intelectual como psicológico de seu proprietário; um *lugar de memória* que reflete os interesses e intenções intelectuais e ideológicas do responsável (e/ou responsáveis) por sua formação. Inclusive, tais intenções como lugar de memória se fortalecem, quando da ocorrência de transformação de um acervo privado em biblioteca pública.

Oliveira Lima, em seu afã de estabelecer uma identidade pessoal e pública incondicionalmente associada à sua condição de *brasileiro e pernambucano*; num esforço estimulado tanto por sua própria biografia e formação intelectual, que se desenvolveu a partir da segunda metade da infância em Portugal (e no restante da Europa), quanto pelas suas necessidades de ordem funcional e sócio-política, geradas pelas opiniões de seus pares e rivais, no contexto geral do ambiente da instituição social difusa da “republica das letras” e no contexto geral do ambiente funcional da Chancelaria brasileira; desenvolveu sua produção historiográfica baseada num patrimônio documental e bibliográfico acerca da formação e identidade brasileiras que viria a caracterizar-se essencialmente por sua riqueza quantitativa e qualitativa.

É especificamente durante o seu período como Segundo – secretário em Berlim (1892 -96) que Oliveira Lima inicia sua atividade historiográfica propriamente dita, com a publicação em 1895 de sua primeira obra, *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*, e seu ingresso como sócio-correspondente no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Com esta obra, Oliveira Lima inicia suas pesquisas acerca das relações diplomáticas entre Portugal e as outras potências européias no século XVII, e estabelece as bases metodológicas e literárias que viriam a caracterizar sua obra posterior; principalmente nos aspectos referentes às questões de formação étnica, cultural e histórica da estrutura nacional brasileira.

Em princípio, devemos considerar que durante seu turno como encarregado de negócios da embaixada brasileira em Londres (1899 – 1901), Oliveira Lima viveu o período mais prolífico de sua atividade como pesquisador; do qual a *Relação de manuscritos portugueses e estrangeiros de interesse para o Brasil existentes no Museu Britânico de Londres*; (elaborada a partir do *Catálogo dos manuscritos portugueses existentes no Museu Britânico*, elaborado em 1853 por F. F. de la Figanière e atualizado em 1863 por F. A. Varnhagen), publicado em 1902 pela Revista do IHGB constitui o exemplo material e conceitual mais evidente, além da publicação de *O Descobrimento do Brasil* e a *História diplomática do Brasil: o reconhecimento do Império* constituem os exemplos mais evidentes, naquele momento.

Durante sua permanência em Londres, Oliveira Lima dedicou-se à intensa pesquisa documental (para si e para outros historiadores brasileiros) no Museu Britânico. Além das finalidades historiográficas, a pesquisa empreendida por Oliveira Lima destinava-se à coleta e elaboração de documentação de suporte para as negociações a respeito das fronteiras do Brasil com a Guiana Britânica. O trabalho de pesquisa histórico-documental destinado a apoiar as negociações de fronteiras empregava os esforços de diplomatas-historiadores em toda a Europa (IGLÉSIAS, 2000), conectados pela correspondência do IHGB e empreendendo seus trabalhos sob a coordenação de Joaquim Nabuco (MALATIAN, 2001: 141). Entre os historiadores brasileiros, um dos maiores beneficiários deste esforço de pesquisa era Capistrano de Abreu, com quem Oliveira Lima mantinha contato postal permanente, até a ocasião de sua transferência para Tóquio, em 1901.

Oliveira Lima não se faz de rogado no que se refere a munir-se de meios intelectuais para melhor cumprir a missão que lhe fora confiada; desta forma, os 40 dias de confortável viagem marítima entre Gênova e Tóquio foram gastos no estudo de substancial bibliografia a respeito do Japão, desde o desenvolvimento histórico das conexões com o Mundo Ocidental, até os diversos aspectos sócio-culturais e políticos do país, passando pela análise do recente desenvolvimento sócio-econômico que vinha sendo operado no país desde meados das décadas de 1850 - 60; o famoso processo de "ocidentalização" promovido pelo governo Meiji, que assombrava a muitos observadores no Ocidente, principalmente na Europa; e que na prática, segundo K. M. Panikkar (entre outros autores, incluindo o próprio Oliveira Lima), se constituía na principal defesa do Japão, frente às investidas do neocolonialismo e do imperialismo ocidentais.

Nesta bibliografia, incluem-se desde as obras acerca das tentativas de cristianização da sociedade japonesa, implementadas pelos missionários jesuítas portugueses no século XVI,

até os trabalhos dos maiores especialistas a respeito do Japão contemporâneo à época, tais como Wenceslau de Moraes, Lafcadio Hearn e B. H. Chamberlain.

Por uma coincidência bastante (in) conveniente para o desenvolvimento desta pesquisa, verifica-se que o texto (incompleto) das *Memórias* de Oliveira Lima se encerra justamente nas primeiras referências ao período de sua permanência à frente da legação brasileira em Tóquio, entre 1901 e 1903. Neste texto, Oliveira Lima retifica sua impressão inicial, e afirma que fora “(...) mandado *restabelecer* (grifo meu) nossa legação no Japão, poucos anos antes instalada por Henrique Lisboa, o autor da “China e os chins”, cujo crédito fora logo suspenso pelo Congresso por motivo de economia”( LIMA, 1986: 247-248).

Em 1906, Oliveira Lima foi designado ministro plenipotenciário do Brasil em Bruxelas, além de ser acreditado como ministro da legação brasileira em Estocolmo. Assumidas em 1908, estas seriam as últimas designações de sua carreira diplomática, antes de ser aposentado do serviço no Itamaraty, em 1913. A partir de 1911, Oliveira Lima acrescentou a seu currículo a atividade de conferencista em entidades acadêmicas. Em 1912, pronunciou uma série de conferências em diversas universidades norte-americanas, com destaque para a de Stanford (estas, foram reunidas no volume *Evolução brasileira comparada com a hispano-americana e com a anglo-americana*, publicado em 1914) e a Catholic University of América, em Washington. Com o advento do processo de sua aposentadoria, Oliveira Lima passa a dedicar-se mais especificamente às atividades acadêmicas, sendo admitido como professor da Catholic University of América, para a qual, posteriormente, legou em testamento sua imensa biblioteca pessoal, que constitui atualmente o acervo da Oliveira Lima Library (MALATIAN, 2001: 351-409), no campus da CUA, em Washington.

*Em 27 de agosto de 1913, finalmente aposentado, viajou para Pernambuco de onde pretendia dirigir-se a Londres, para ali residir. A Guerra de 1914 - 18 frustraria seus planos, pois durante o conflito manifestou simpatias à Alemanha. Foi preciso então procurar outra solução para sua vida. Chegara ao fim a carreira diplomática e iniciava-se um período dedicado ao jornalismo, às conferências e ao ensino universitário, sem interrupção do ofício de historiador (MALATIAN, 2001: 240-241).*

Em 1916, Oliveira Lima firmou um acordo com a reitoria da Catholic University of América, legando em testamento para esta universidade sua biblioteca particular, sob a condição de que esta viesse a se tornar o núcleo – base para a formação de um centro de

estudos brasileiros e latino-americanos na universidade. A *Oliveira Lima Library* foi fundada em 1916, mas as dificuldades de transporte (a maior parte do acervo encontrava-se acondicionado nas legações brasileiras em Londres e Bruxelas, e naquele momento a Europa via-se assolada pela Primeira Grande Guerra), as dificuldades financeiras da Universidade (que persistem até os dias de hoje), e os trabalhos de organização, levados a cabo pelo próprio Oliveira Lima e uns poucos assistentes (incluindo sua esposa, D. Flora, e o jovem Gilberto Freyre), que permitissem sua inauguração e abertura ao público, foram completados somente em 1924.

Em 1916, a coleção de Oliveira Lima possuía cerca de 16.000 volumes; sendo gradualmente ampliada, por volta de 1970 (Data da publicação do catálogo editado pelo curador da biblioteca na época, o historiador português Manoel S. Cardozo. Este catálogo, iniciado pelo próprio Oliveira Lima, ainda em 1970 encontrava-se incompleto, principalmente no que se referia à classificação do acervo das coleções de manuscritos. O trabalho de classificação havia sido interrompido, devido à morte de Oliveira Lima em 1928; e retomado por sua viúva, D. Flora; a morte de D. Flora, em 1940, paralisou novamente o trabalho de classificação; que aparentemente, segundo pesquisadores da obra de Oliveira Lima, ainda é uma grande tarefa a ser completada.) contava com cerca de 50.000 volumes.

Além de seus livros, a Oliveira Lima Library conta com os seguintes elementos de acervo;

- Papéis diplomáticos, recolhidos por Oliveira Lima na Legação em Bruxelas (seu último posto antes de aposentar-se da diplomacia brasileira) entre 1908 e 1914;
- A coleção de documentos de Artur de Sousa Correia (antigo titular da Legação em Londres, do qual Oliveira Lima foi subordinado como Primeiro – secretário), abrangendo o período entre 1852 e 1900.
- Documentos particulares da Família Oliveira Lima, abrangendo o período entre 1884 e 1940.
- Livros de recortes abrangendo o período entre 1870 e 1928.
- Registros parlamentares e ministeriais abrangendo o período entre 1823 e 1832.

O acervo bibliográfico contava principalmente com obras portuguesas, espanholas e latino-americanas; inclui-se também no acervo uma coleção de memórias europeias do XIX; coletadas para fins de referência para história diplomática.

O índice do catálogo, elaborado por Oliveira Lima segundo as normas da Biblioteca Nacional (RJ), apresenta, além da bibliografia, os seguintes itens;

- Coleção de panfletos portugueses;
- Periódicos portugueses;
- Periódicos brasileiros;
- Periódicos hispano-americanos;
- Periódicos europeus;
- Coleção iconográfica.

Analisando as observações de T. Malatian e F. C. Gouveia a respeito deste assunto, pode-se considerar que o destino do acervo pessoal de Oliveira Lima, apesar de não ter sido auspicioso, poderia ter sido pior. Em 1946, José Honório Rodrigues escreveu e publicou na imprensa brasileira um artigo intitulado “A biblioteca de Oliveira Lima em Washington”. Neste artigo sobre a *Oliveira Lima Library*, J. H. Rodrigues critica duramente a decisão de Oliveira Lima de doar (ainda em vida e em testamento) para a Catholic University of América sua biblioteca, uma biblioteca construída com “recursos da nação brasileira” (na realidade, os vencimentos funcionais do próprio Oliveira Lima); argumentando que a biblioteca do Congresso norte-americano já possuía um substancial acervo a respeito do Brasil, não havendo necessidade portanto de outro acervo sobre este tema. J. H. Rodrigues insinua que a decisão de Oliveira Lima resultou de uma combinação de ressentimento contra o governo e a sociedade brasileiros (por uma alegada frustração de suas supostas ambições políticas; à Pasta das Relações Exteriores, e/ou ao governo do estado de Pernambuco) e uma inclinação venal em relação a Catholic University of América; além de afirmar que o fato de que a formação intelectual de Oliveira Lima, constituída toda na Europa, tornava-o pouco identificado com o Brasil. Ainda neste artigo, J. H. Rodrigues considerava o atual (em 1946) curador da biblioteca, Manoel S. Cardozo, incompetente para o desempenho da tarefa que lhe fora confiada; e finalmente, afirma que o Ministério das Relações exteriores do Brasil deveria mobilizar-se pelo “repatriamento” da biblioteca de Oliveira Lima.

Entretanto, considerando-se o destino adverso de outros acervos pessoais de intelectuais brasileiros, somados às circunstâncias que determinaram a decisão de Oliveira Lima de doar seu acervo (MALATIAN. 2001: 351-409) e incluindo os esforços de classificação e publicação levados a cabo por M. S. Cardozo ao longo de sua gestão como curador da *Oliveira Lima Library*<sup>2</sup>; as afirmações e propostas de J. H. Rodrigues afiguram-se, no mínimo, como inadequadas.

---

<sup>2</sup> O Prof. Manoel S. Cardozo foi curador da *Oliveira Lima Library* entre 1948 e 1984.

O almejado centro de estudos brasileiros em uma universidade norte-americana, o grande projeto final da trajetória da carreira intelectual de Oliveira Lima (como estabelecimento de um *lugar de memória*, em todos os sentidos do termo) pode ainda não ter se concretizado; mas a base documental para o eventual desenvolvimento deste projeto teve sua sobrevivência material garantida, o que é muito mais do que pode ser dito a respeito das garantias de sobrevivência material dos artefatos de memória, no contexto da formação cultural da sociedade brasileira, oferecida por esta mesma sociedade.

O caso de Aluisio Azevedo se constitui na outra face da moeda, no que se refere às conseqüências sócio - políticas e culturais do processo de formação histórica da Sociedade brasileira. Por força das dificuldades inerentes ao ofício de escritor no Brasil (decorrentes, principalmente, da já citada ausência de um público leitor, quantitativa e qualitativamente, consistente), por volta da década de 1890 o escritor recorre a contatos pessoais no interior da máquina estatal, a fim de conseguir um cargo no funcionalismo diplomático<sup>3</sup>, *em qualquer lugar que fosse*. Estes esforços resultaram na nomeação, em 1895, de A. Azevedo para o posto de vice-cônsul em Vigo, Espanha; neste ano, foi publicado o seu último romance, “Livro de uma sogra”.

Ou seja, o início da trajetória do diplomata e viajante Aluisio Azevedo é conseqüência direta das dificuldades mercadológicas do profissional de letras brasileiro; que o levou a introduzir-se na estrutura funcional do Ministério das Relações Exteriores, a fim de obter a estabilidade financeira necessária para sustentar sua prática de produção literária (no sentido de “arte pura”), e que acabou por criar possibilidades para o desenvolvimento de uma produção textual inesperada (para o próprio A. Azevedo); a dos relatos de viajante.

Em 1897, com o advento da instalação das representações diplomáticas brasileiras no Japão, sob o comando de Henrique C. R. Lisboa, antigo ministro em São Petersburgo, em cumprimento às determinações do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação de 1895, A. Azevedo é nomeado vice-cônsul em Yokohama, onde permaneceu até 1899.

O momento de consolidação da República, sob o mandato de Prudente de Moraes, foi um período de graves incertezas para os órgãos diplomáticos brasileiros, devido às sérias dificuldades financeiras do novo regime e às suspeitas, por parte dos elementos mais radicais do movimento republicano, de ser a Chancelaria brasileira um reduto monarquista. E é dentro deste contexto que A. Azevedo experimenta o mesmo encantamento pela cultura e pela

---

<sup>3</sup> A formação dos quadros da diplomacia passou a ser regulamentada a partir da gestão do Barão do Rio Branco.

sociedade japonesa, já testemunhado por outros elementos ocidentais (na maioria, intelectuais) no Japão<sup>4</sup>; e que o estimula a produzir uma descrição detalhada da sociedade japonesa, a partir da análise de sua formação histórica.

Posteriormente, Aluisio Azevedo negocia a publicação de seu livro sobre o Japão (já bastante adiantado, mas ainda incompleto) com o editor H. Garnier, por intermédio de Graça Aranha. Aluisio Azevedo tinha a intenção de produzir uma edição materialmente superior às “brochuras amarelas de dois francos” para sua obra.

Entretanto Graça Aranha, ao invés de enviar para A. Azevedo o adiantamento de 10 contos de réis liberados pelo editor para produzir a edição, tomou a iniciativa de, baseado na oferta de um anúncio de jornal, usar o dinheiro para comprar “para o seu cliente” uma propriedade imobiliária em Copacabana (!). Este episódio, além de explicar o destino tomado pelo projeto de Aluisio Azevedo, serve para também ilustrar e reiterar a análise das mazelas enfrentadas pela produção de bens culturais no Brasil (em particular, o mercado editorial), na qual verifica-se que uma iniciativa de especulação imobiliária tem precedência sobre um projeto literário. Esta questão imobiliária, na qual A. Azevedo retoma na justiça os imóveis, foi resolvida em 1910; quando Aluisio Azevedo passa os títulos de propriedade adiante, pelo valor de 50 contos de réis.

“Mas o livro sobre o Japão não se publicara. O que ele vira, outros viram também, e, mais felizes o disseram. O que ele renunciara, sem o divulgar fora publicado pela ação, na história, naquele conflito de uma guerra tremenda<sup>5</sup>, na qual se começou a repelir a Europa para o Ocidente. Dia a dia o livro ia sendo conhecido e sabido por todo o mundo sem que fosse impresso e lido (...). Aluisio, desgostoso, não quis mais escrever”, como testemunhou Afrânio Peixoto (DANTAS. In: AZEVEDO. 1984:14 – 15).

O manuscrito, inacabado, foi recolhido ao acervo do arquivo da biblioteca da Academia Brasileira de Letras. Durante sua gestão como secretário da Academia, entre 1923 e 1948, Fernando Nery fez a transcrição do manuscrito; que foi anotado e publicado, sob os auspícios da Fundação Japão, em 1984 pelo Prof. Luiz C. Dantas, da Unicamp.

No texto biográfico “Oliveira Lima – Dom Quixote gordo”, Gilberto Freyre atribui o ineditismo do livro de A. Azevedo sobre o Japão ao fato deste reconhecer a superioridade do trabalho de Oliveira Lima em relação ao seu próprio. Após uma comparação criteriosa dos dois trabalhos, a afirmação de Gilberto Freyre somente pode ser aceita com algumas reservas.

---

<sup>4</sup> Que também viria a ocorrer com Oliveira Lima, durante sua estada no país entre 1901 e 1903.

<sup>5</sup> A Guerra Russo-japonesa, de fevereiro de 1904 a setembro de 1905.



Em primeiro lugar, G. Freyre fez um julgamento de valor baseado na comparação entre um trabalho inacabado, ainda na fase de manuscrito, e um trabalho completo e publicado; pelo que foi possível verificar no depoimento de Afrânio Peixoto, reproduzido por Luiz Dantas, a priori o texto de A. Azevedo permaneceu inacabado por consequência da traição de Graça Aranha; ao passo que Oliveira Lima teve a prudência de se encarregar pessoalmente da publicação de seu livro, quando esteve no Rio de Janeiro, em 1903.

Em seguida, verifica-se que o trabalho de Oliveira Lima consiste num desprezioso estudo sociológico e cultural, contido nos limites de um relato de viajante, enquanto que a leitura do texto de A. Azevedo anuncia um trabalho de maior fôlego, um levantamento político e sócio-cultural baseado em um extenso levantamento historiográfico. E, finalmente, o trabalho de Oliveira Lima concentra-se principalmente nas impressões recolhidas no momento imediato de sua estada na representação em Tóquio, ao passo que o texto de Aluisio Azevedo consiste numa descrição do Passado, do Presente e numa especulação acerca do Futuro imediato da nação japonesa.

Por ultimo, o aspecto mais importante da análise comparativa das duas obras reside na impressão de ambos os autores acerca da sociedade e da cultura japonesa em geral, dentro do contexto do fenômeno do japonismo.

No contexto geral assim exposto, temos o encantamento dos autores ocidentais com o exotismo e as peculiaridades da cultura japonesa, e que absorveu as atenções de intelectuais adeptos das mais variadas correntes de pensamento e orientação estética (como no caso de Aluisio Azevedo, que era o principal divulgador brasileiro do Realismo de Emile Zola). Em geral, estes autores observam, com pesar e/ou repugnância, o ritmo acelerado da modernização ou “ocidentalização” da sociedade japonesa, com prejuízo para os seus valores tradicionais.

A busca pelo “verdadeiro Japão” caracterizou o desenvolvimento da obra de muitos desses autores, como no caso de Aluisio Azevedo, em suas pesquisas nos subúrbios de Yokohama e sua peregrinação a Mito.

Em sua obra, Oliveira Lima constata, com admiração e alívio, a coexistência sustentável da modernidade e tradição na sociedade japonesa; no início do capítulo denominado "As belezas naturais", Oliveira Lima inicia afirmando que esperava encontrar "uma imitação fiel e prosaica do (...) Extremo Ocidente", ou seja, que o impacto do desenvolvimento econômico e tecnológico viria a desfigurar o cenário natural e/ou os aspectos tradicionais da cultura material cotidiana. "O velho Japão, mesmo o Japão dos Tokugawa, retratado nas porcelanas

de cores quentes, nos biombos dourados e nos *kakemonos* discretos; o Japão das cegonhas de amplo vôo donoso, pousando sobre *torii* singelamente majestosos; (...) teria dado lugar a um Japão todo ele votado aos caminhos de ferro e aos barcos a vapor, um Japão esteticamente odioso, semeado de usinas, pontes de metal e rebocadores, que se houvesse despedido do caráter tradicional para assumir uma aparência banal. Este novo Japão efetivamente existe, cresce e prospera, mas ao seu lado, realçando-o, sobrepujando-o, dando-lhe vida, tom e alegria, o velho Japão felizmente subsiste (LIMA, 1997: 93)"; ao passo que o texto de Aluisio Azevedo manifesta um nítido entusiasmo do autor pela resistência oferecida pela nação japonesa às investidas do expansionismo ocidental.

### Referências bibliográficas:

AZEVEDO, Aluisio. *O Japão*. São Paulo: Roswitha Kempf Editora, 1984

GOMES, Ângela de Castro. *Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal & ARAUJO, Valdei Lopes. *O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner*.

In: Escrita de si, escrita da história / Organizadora Ângela de Castro Gomes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

IGLÉSIAS, Francisco. *Os historiadores do Brasil: capítulos de historiografia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte, MG: UFMG, IPEA, 2000

LIMA, Manuel de, Oliveira. *Coisas diplomáticas*. Lisboa: A Editora, 1908

\_\_\_\_\_. *Memórias: estas minhas reminiscências*. Recife: Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes, 1986

\_\_\_\_\_. *No Japão – Impressões da terra e da gente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topboks, 1997

MALATIAN, Teresa. *Oliveira Lima e a construção da nacionalidade*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo, SP: FAPESP, 2001